1.º ANNO — Sabbado, 19 de setembro de 1908 — Numero 31

O DEMOCRATA

REDACTORES
Albano Coutinho,
Dr. Fernandes Costa, Dr. Samuel Maia
e Dr. André dos Reis

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ARNALDO RIBEIRO

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS
Anno (Portugal e colonias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 »
Trimestre . . . . 300 »
Avulso . . . . 30 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de Jose Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS
Por linha. . . . . 30 réis
Repetições . . . . 20 »
ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

Eleições municipaes

Levanta-se ahi, agora, a questão de saber-se se sim ou não o Executivo póde, dadas as circunstancias especiaes de todos conhecidas, convocar os collegios eleitoraes para eleições camararias.

Receia o governo fazer dictadura!

A imprensa officiosa, a *puritana*, affirma ser impossivel proceder-se, em novembro proximo, ás ditas eleições. A *dictadura* n'esta hypothese é realmente de temer!

O governo, onde se encontram estadistas, que teem os seus nomes ligados ás dictaduras mais desnecessarias, sente-se, hoje, cheio de receios e é todo amor pelas leis.

Extraordinarios homens! Extraordinario governo! Extraordinario regimen! Oh gente da legalidade, dignos serventuarios de uma monarchia nova, feita de panno velho! Ditoso paiz o nosso que possue tão raros amantes da legalidade! Erguei-lhes uma estatua, ó Povo!...

Sabe-se, porém, ou pelo menos suspeita-se, de que especie é essa sua veneração pela Ordem e pela Lei.

Como é necessario pôr nos eixos o que está irregular e cahotico, d'ahi o embaraço da gente da governação, embaraço esse que não existiria se, pelo contrario, preciso fosse anormalisar, irregularisar o que está em ordem, desde que d'essa irregularidade proviesse algo do benefico para as sabias instituições politicas que nos governam.

A todo o paiz convém que as eleições municipaes se façam. Tanto basta para que mil difficuldades se levantem e o governo, aproveitando a aragem, irá adiando de hoje para ámanhã, de ámanhã para além, a realisação das eleições camararias. Com isto ou com outras medidas de utilidade geral, tem sido e será sempre assim.

Em Portugal o interesse do povo e o interesse dos governos e da monarchia são antagonicos e inconciliaveis.

O que apraz a uns não agrada aos outros, o que interessa a aquelles não convém a estes.

A lucta é permanente, continua entre esses inimigos.

Só agora o sr. Ferreira de Amaral se lembra de que o Executivo não póde mandar proceder ás citadas eleições! E' um subterfugio.

Sendo todo legalidade o governo, parece querer calcar aos pés o codigo administrativo.

Mas dando de barato que o citado codigo não legisla para a hypothese de que se trata, não teve o snr. Ferreira de Amaral tanto tempo, durante a ultima sessão parlamentar, para obviar a um acto que se lhe antolha dictatorial?

Não convinha talvez. Fez bem o illustre liberal.

Repetiremos o que já aqui dissemos:—Tudo o mesmo!

Dr. Magalhães Lima

Seguiu para Paris e Berlim com tenção de assistir, n'esta ultima cidade, ao Congresso Internacional da Imprensa, o illustre director da *Vanguarda*, que só regressará a Lisboa em meados do mez proximo.

O importante diario lisbonense fica sendo dirigido durante aquelle lapso de tempo pelo brilhante jornalista, o nosso amigo snr. Fernão Botto Machado, a quem, por esse motivo, cumprimentâmos.

COISAS E TAL

Outro fiasco

Está liquidado o caso do armeiro Heitor Ferreira que, como se sabe, era accusado pelo ascoroso buffo Abilio Magro de ter no seu estabelecimento armas de guerra, prohibidas por lei.

Pelo exame minucioso a que os peritos procederam ultimamente em presença do juiz do 2.º districto criminal snr. dr. Horta e Costa, foram todas as armas em questão consideradas de caça e de sala, pelo que o snr. Ferreira se acha illibado de toda a responsabilidade que lhe era indevidamente imputada.

Vê-se que os *masmarros* andam com pouca sorte. Os *masmarros* e o conde *ranhoso* que por mais que se esfalfe, quernos bem parecer, não é capaz de arranjar cumplices do regicidio.

Nem meio...

O verdadeiro

Como se averiguou em tempo, a mensagem enviada do Brazil ao dictador do Alcaide foi redigida por um padre de nome Alvaro Coelho, empregado n'uma casa commercial do Rio, que passa por ser, talvez, a mais conservadora que existe n'aquella capital.

Pois agora prova-se que esse padre é, nem mais nem menos que um ladrão!

Assim nol-o diz o *Correio da Noite*, uma das folhas de mais nomeada do Rio, nos seguintes termos:

Nós não mentimos. O *Correio da Noite* não calumnia ninguem. Dissémos que o padre Alvaro Coelho é ladrão, vamos proval-o.

Perante o juiz da 3.ª pretoria, o conhecido e conceituado industrial d'esta praça, snr. Manoel Ferreira Tunes, por seu advogado, o illustre dr. Paulo Vianna requereu hoje uma justificação na qual prova que o padre Alvaro Coelho, na qualidade de procurador de Thomaz Costa, um dos foragidos directores do Banco União do Commercio, metteu-se n'uma porção de contos de réis, transferindo uma hypotheca, e no mesmo dia, usando da publica fórma de um documento já sem valia, correu para outro tabellião, e fez uma escriptura para destruir a anterior.

Damos abaixo, na integra, todas as alegações do queixoso, escudadas pelo depoimento de testemunhas da mais alta posição social.

Thalassa!... Thalassa!...

Ora vejam lá porque mãos andavam os meritos e demais virtudes do dictador feroz!...

Este era dos que tinha *unha* na palma... e comprida...

!!!

Contam os jornaes que estando ha dias o cardeal Merry del Val a almoçar com varias personalidades do alto clero, n'uma propriedade do Papa, rebentou logo ao principio do banquete medonha trovoada, a qual teve por consequencia a queda d'um vaso sobre a baixella em que o cardeal trinchava um peixe. E accrescentam: Merry del Val, assustadissimo, desmaiou e cahiu da cadeira, erguendo-o os assistentes sem outro incommodo que não fosse o susto que apanhou!

Ora aqui está um que nem os raios entram com elle.

Peor, mas muito peor do que as sogras...

Logo vimos

O *Diario Popular*, orgão do snr. Julio de Vilhena, patusco chefe do partido regenerador, desmentiu já, como não podia deixar de ser, os boatos que correram sobre a attitude do mesmo snr. Vilhena caso a *raposa velha* apoiasse, dentro ou fóra do parlamento, qualquer gabinete Campos Henriques.

O sr. Vilhena passar-se para os republicanos!...

Isso nunca, jámais, em tempo algum...

O *porta-estandarte* de Ferreira do Alemtejo está firme no seu posto, e d'ahi não arredará pé.

Parabens ao *Districto*.

"O MUNDO,,

Para juntar ás muitas saudações que lhe teem sido dirigidas de toda a parte do paiz, por motivo de ter entrado em novo anno de publicação, *O Democrata* envia-lhe tambem as suas, sinceras entre as mais sinceras, desejando ao jornal de França Borges innumeras prosperidades.

Contra a reacção

O discurso do professor Miguel Bombarda, deputado por Aveiro, em homenagem á memoria de Joaquim Antonio d'Aguiar

(Conclusão)

No relatorio de Aguiar põe-se em alto relevo a historia do monachismo, o que eram as ordens religiosas, as suas ambições desenfreadas, o luxo da sua vida e a depravação dos seus costumes, o amontoar das suas riquezas, a hipocrisia e a mentira que desenrolavam sobre o povo para lhe conquistar legados e doações, e por fim a sua nefasta influencia sobre povos e sobre reis, corrompendo a uns e levando-os ao abandono de toda a actividade util na vida e conduzindo a outros a guerras e devastações. E para coroamento d'este tragico quadro, a sua lucta, ora em trabalhos de sapa, ora em guerra aberta, a sua lucta desesperada, a lucta de todos os tempos, até de hoje, pela supremacia do poder espiritual. A gloria de Deus é o reino do Altissimo no mundo; Deus impregna a egreja com o seu espirito e assim a gloria de Deus é o reino do altissimo no mundo; *Ad majorem Dei gloriam*, é o lema jesuitico. E ainda hoje corifeus da reacção, homens como M. de Mun, não hesitam em escrever que a Revolução não é um acto nem um facto; a Revolução é uma doutrina que pretende fundar a sociedade sobre a vontade do homem em logar de a fundar sobre a vontade de Deus; a contra-Revolução é o principio contrario, é a doutrina que faz assentar a sociedade sobre a lei christã...

A obra dos conventos

Em 1834 ainda havia—e é que se sahia de uma lucta sanguinolenta em que durante annos se tinham visto os frades combaterem a liberdade, os conventos transformarem-se em depositos de armas, as casas de capitulo tornarem-se em antros de conjuração, os pulpitos converterem-se em tribunaes de calumnias e falsidades, e os proprios ministros de Deus lançarem-se na perseguição e no crime, enraivecidos e desesperados, naquella furia indomita que é o caracter da imprensa intolerante que os defende e que por toda a parte referve em odios, imprecações e maldições.

Abusos e excessos, dir-se-ha, mas abusos e excessos que são inseparaveis do espirito congreganista. E' a historia de todos os tempos. E' a historia da Inquisição e é a historia da acção politica das ordens religiosas que por toda a parte afogaram os povos em mares de sangue. A Bohemia era um povo nobre, rico, illustrado: trinta annos de guerra promovida pelos manejos jesuiticos reduziram uma população de 3 milhões de habitantes abastados e felizes em 800 mil mendigos; as terras deixaram de ser arroteadas, as mattas invadiram os campos de cultura, viram-se as charruas puxadas pelos proprios lavradores e uma litteratura nacional, bella e rica afogou-se por completo sob as ondas do fanatismo congregacionista. No seculo XVI os hereticos que habitavam ao norte e ao sul da Italia viviam na pureza e na doçura dos seus costumes quando os jesuitas decidiram os principes á sua perseguição. E' um quadro de horror o que então se desenrolou. Por toda a peninsula massacres e exterminio. Na Calabria, em suas pequenas localidades ao norte, San Sixto e Guardia Fiscalda, em onze dias foram mortos 2:000 hereticos, 1:600 condemnados a prisão, sem contar aquelles que foram massacrados pelos campos. Conta uma testemunha ocular que os que deviam ser executados estavam n'uma prisão onde o algoz os ia buscar a um e um: vendava-lhes os olhos, trazia-os para uma larga praça, e ahi os obrigava a ajoelhar e d'um golpe lhes cortava as guellas; foram 88 aquelles que ella assim viu assassinar e a quem os jesuitas acompanhavam no transe final; queriam salvar-lhes as almas elles que tinham incitado á sua perseguição e exterminio... E por fim os cadaveres foram todos esquartejados e pendurados ao longo da estrada até á fronteira vizinha.

A historia das ordens religiosas

A historia das ordens religiosas é uma historia pavorosa de sangue, torturas e martirios. Assombra a alma que ainda haja quem as aplauda e as defenda. Mas ainda sem abusos e sem excessos, inseparaveis de toda a organisação monastica, as ordens religiosas não podem senão ser nefastas á boa ordenação e á prosperidade do Estado. Mostra Aguiar no seu relatorio o que significam o voto de pobreza e o voto de castidade, pela inutilisação de homens, pela sua esterilidade propositada, como pela imobilisação de riquezas que se tornam em capital morto e improductivo para o Estado. Faltou-lhe dizer o que importa o voto de obediencia, que reduz o homem á condição de *coisa*, que corta cerce pela sua dignidade, que o furta ao livre debate das ideias, á contribuição devida ao movimento social.

Não podendo possuir, não podendo crear familia, não podendo pensar ou pelo menos conduzir-se em conformidade com o seu pensamento, o homem reduz-se na Ordem á pura condição de animal—mas de um animal improductivo, e ainda mais de um animal damninho. A congregação é o cancro das sociedades. O cancro suga para si todos os elementos nutritivos do organismo em que assenta; cresce, desenvolve-se n'uma riqueza de nutrição que o faz de uma bella florescencia, d'uma formidavel turgencia, avoluma-se a ponto de adquirir maiores dimensões que as do organismo que o sustenta, ao passo que este definha, anemia-se, esqueleta-se e por falta de nutrição acaba por se extinguir. Mas o frade ainda é peor do que o cancro; este enriquece e opulenta-se porque mata á fome o organismo que o sustenta; o frade locupleta-se á custa do organismo social e além

de o definhar vae-o envenenando, o que o cancro não faz, com as suas doutrinas, com as suas suggestões, com a sua educação, senão com o seu fanatismo.

Com efeito, no seu anceio de dominio, os frades mudaram de processos com as circunstancias e hoje não se soccorrem tanto da fanatisação dos espiritos, a não ser na aldeia para o seu recrutamento de serviçaes — irmãsinhas e outros. Já não acenam com os premios do ceu e com a felicidade na outra vida, porque sabem bem que os povos já começaram a comprehender que nesta vida existe uma felicidade ao seu alcance e que ha meios honrados e justos de a alcançar. A compensação da felicidade eterna com que se consolava a escravidão e a miseria deste mundo deixou de ser chamariz de algum valor para intelligencias que começam a abrir. Tambem as penas do inferno, o diabo e as labaredas do seu antro, não passam de espantalho ridiculo, hoje que os proprios jesuitas—tal foi o texto dum sermão do Quelhas—definem o inferno por um anceio pela felicidade nunca satisfeito. Singela figura de retorica que elles já souberam descobrir na outra vida.

Por isso a dominação de hoje vae-se exercendo por outros caminhos—a caridade e a educação. As ordens, e sobretudo os jesuitas, comprehenderam hoje como podem chegar ao dominio do homem dirigindo-se a estas duas molas reaes de todo o acto chamado voluntario — que é o sentimento e o pensamento. Pelo sentimento fazem a drenagem de milhões. Pela intelligencia fazem a moldagem dos espiritos e afeiçoam-nos ao seu sabor.

A caridade exploração

A caridade é uma arma poderosa. E' a exploração dos milhões e das simpatias. E' o aproveitamento do sentimentalismo das massas menos avançadas em civilisação. São fontes de receita alcançada com toda a sorte de pieguices e diminutivos, as irmãsinhas, as velhinhas, as creancinhas, fontes de receita que vão dar vida prospera e comoda ás Ordens, ao mesmo tempo que recursos para mais vasta acção. A caridade é a taboleta. Só por uma parte as receitas vão envernisala. O resto, e ninguem poderá nunca saber quanto, o resto é o tesouro de guerra, é o milhar de milhões de francos que constituiam a fortuna imobiliaria das congregações em França ha meia duzia de annos, são os dois milhões de francos que se encontraram, ali, no cofre dos padres assuncionistas quando a justiça lhes fez visita domiciliaria. E o povo inteiro contribue para essa arma colossal que o vae guerrear. Não é só a devota que em recordação das delicias... devotas que passou tem os cinco tostões faceis, não é só a mulher sempre pronta, sem maiores reflexões, a atenuar a miseria e a desgraça alheia. São os proprios liberaes, são os mesmos que me ouvem e que acodem ao mal sem pensarem sequer na eficacia do seu obulo e no desvio da sua esmola.

Com efeito, a caridade congreganista não é sómente uma taboleta, é ainda uma falsidade. A enfermagem religiosa é uma enfermagem falsa que importa perigos ao doente. Já o demonstrei sem que houvesse resposta. E áquelles que se enternecem com os carinhos, os afagos das religiosas, sempre contarei o que ha poucos annos vi no hospital geral de Madrid. Era uma creança dos seus dez annos, esqueletica, sofrendo de uma vasta ferida supurante e saniosa em um dos quadris, que se tratava de passar de uma para outra cama. Faziam-no um creado e uma creada, naquelles trajos imundos que tanto são do agrado dos hespanhoes pobres na sua intimidade, e faziam-no tão desastradamente que a pobre creança se desfazia em lagrimas, gemidos e gritos de dôr. Cortava o coração de quem, habituado á dôr, ainda se não deshabituou da compaixão, antes se esforça por poupar toda a dôr inutil áquelles a quem assiste. Em presença desse espectaculo doloroso estava uma irmã, de mãos enfiadas pelas mangas do habito que não ha sciencia de desinfecção que tenha conseguido arrancar, e seguindo com os olhos o serviço que os creados faziam. Pois nem um cuidado, nem uma atenção, nem uma recomendação, nem ao menos uma contracção do rosto que denunciasse afflicção ou piedade.

O que estaria pensando aquelle espirito na sua impassibilidade? Provavelmente louvava a Deus Nosso Senhor, e alegravase por ver a creança sofrer, em nome da salvação eterna. Que artes são as desses homens das ordens que sabem assim converter em indiferença e passividade o coração da mulher, tão mimosamente amoravel, tão cheio de caricias e de amor por tudo que é sofrimento.

A educação jesuitica

E' porém pela educação que as ordens religiosas melhor actuam sobre os espiritos e mais graves prejuizos oferecem a uma sociedade bem constituida. Já é deploravel a instrucção que ministram. E' ver a ruina em que os jesuitas fizeram cahir a nossa Universidade e que exigiu a grande reforma pombalina. O *Compendio historico* tantas vezes citado, é fonte de preciosas informações a respeito do estado da Universidade de Coimbra, ao findar o seculo XVIII, onde, para citar um só facto, quasi se prohibiam as dissecções anatomicas e se estudavam as bases da medicina pelos livros de Galeno, que viveu dois seculos depois de Christo! E' ver ainda o celebre relatorio de Sousa Refoios quando foi do inquerito feito ao colegio de S. Fiel.

Mas ainda mais grave que a falsificação do ensino é a educação, pela qual o jesuita modela o cerebro joven a seu talante. O cerebro da creança é em geral como cera mole que toma todas as fórmas que se lhe queiram dar. Ha excepções. Cerebros ha que resistem a toda a influencia educativa, e para o bem ou para o mal, são elles proprios e recusam-se a toda a influencia educadora. Mas a maior parte dos homens nasce com um cerebro informe, indiferente, que será facilmente modelado pela acção do meio. Num meio vicioso dará um alcolico, um ladrão ou mesmo um assassino. Num meio fradesco, e sobretudo num meio jesuitico, dará um humilde, um submisso, um obediente, um denunciante, um hipocrita.

Pela acção jesuitica, os caracteres amolecem, a dignidade do homem perde-se, o sentimento da independencia, a consciencia do proprio valor no meio social entorpecem-se, e fica um escravo, um escravo ainda dirigido atravez da vida pelos antigos senhores, um escravo em que não ha sombra de altivez, nem assomos de iniciativa, mas ha a obediencia cega ao superior constituido, e quer este fale em nome da lei quer em nome do seu arbitrio.

O que póde ser uma sociedade em que as classes educadas estejam cheias destes não valores ou destes valores prejudiciaes dizem-no todos os que pensam que a grandeza de um paiz depende do que valem os cidadãos. Como disse Waldeck-Rousseau, quanto vale o homem, tanto vale o Estado.

A Inglaterra é o maior povo do mundo pela extensão dos seus dominios, pela riqueza do seu povo, pelo alto grau e antiguidade da sua civilisação e pelo seu reconhecimento dos direitos do homem feito muito antes de qualquer outro povo. Essa grandeza da Inglaterra, não a deve ella senão á grandeza dos seus cidadãos, pela sua austeridade moral, pela seriedade do seu caracter, pela tolerancia do seu espirito, pelo seu sentimento de liberdade. Com um povo destes não tem preza qualquer invasão jesuitica—e demais ahi está a historia a demonstral-o. A França é um povo de caracter mais mole, mais dominavel; e as fases do clericalismo vario por que tem passado provam-no de sobejo. Póde-se dizer que, se a fórma republicana está hoje assegurada em França, não é isso devido senão á acção do mestre-escola, e á educação no espirito de liberdade das gerações de vinte ou trinta annos atraz. Por nossa parte, se fômos calcados aos pés nos mezes de ignominia que ainda hoje nos fazem horror, é porque a educação jesuitica dos ultimos trinta annos poluiu de absolutismo uma geração.

O perigo nacional

As ordens religiosas, e em especial o jesuitismo, estão sendo o perigo nacional. Não é tanto o momento presente que me assusta. São as gerações a vir que devemos defender. O que será o dia de ámanhã quando a acção jesuitica mais se tiver alargado e mais estreitamente a proxima geração se tiver ageitado aos moldes da mentira e da hipocrisia?

E' preciso arrancar a creança das mãos do jesuita. Numa sociedade bem constituida a creança nem ao pae pertence. A creança pertence ao Estado. O pae não póde ser o educador. Ha o pae ignorante, o pae imbecil, o pae fanatico, o pae criminoso. Só ao Estado compete formar os espiritos, só a elle pertence modelar as forças vivas da nação. Só elle sabe fazel-o e só elle tem recursos para o fazer. E' preciso acabar em Portugal com todo o ensino primario ou ensino secundario. Só assim se salvou a França arrancando da sua legislação o artigo celebre da lei Falloux. Só assim se poderá Portugal salvar.

E' preciso arrancar a creança da garra jesuitica e lançal-a em plena luz, em plena Verdade. Não basta o sol vivificante e creador, fonte de toda a vida e de toda a riqueza no planeta que habitamos. E' preciso que nas sociedades brilhe esse outro sol, que é elemento fecundante de toda a prosperidade moral e material, o sol que a sciencia entretem pela sua penetração em todos os campos da actividade, o sol brilhante e ardente, mas dôce, acessivel e atrahente, que é o sol da Verdade.

E' tambem um monumento á Verdade aquelle que se quer levantar a Joaquim Antonio de Aguiar. E' por egual um monumento ao espirito livre do povo portuguez, que aclamou a expulsão dos jesuitas e tentou lançar fogo aos paços da inquisição. Mais ainda. E' uma lição ás gerações a vir, para que naquelle homem aprendam o culto da liberdade e a condemnação de todas as tiranias—a tirania dos frades como a tirania dos reis.

Illuminação publica

Ha já umas poucas de noites que os lampeões de illuminação publica são accesos depois das 7 1/4. Ora isto é que não póde ser. Ignoramos os termos do contracto feito com a Camara Municipal ácerca d'este serviço; supponos, porém, que a Camara não terá acceitado tal clausula de se accenderem os lampeões a horas tão tardias.

Aqui ha de haver coisa! Concessões? Condescendencias? Repetimos:—Não póde ser! Em coisas de interesse publico, concessões, condescendencias? Era o que faltava vêr-se!

No dia 23

A camara municipal franco-progressista, d'este concelho, deliberou fazer descerrar, na quarta-feira proxima, as placas com os nomes das novas avenidas Albano de Mello, Conde d'Agueda e Castro Mattoso, promovendo n'esse dia varias demonstrações de regosijo com o concurso d'algumas associações locaes.

No fim, consta haver um banquete d'arromba em que a união entre Agueda *linda* e os seus antigos adversarios, será vinculada de vez com discursos encomiasticos e enternecedores, aos quaes se seguirá uma deslumbrante apotheose acompanhado do hymno da Maria da Fonte.

E diziam elles que *nem por um porco*...

CARTA DE LISBOA

14 de setembro de 1908.

Eu nunca vi a reacção com um desplante tão revoltante passovear-se pelas ruas de Lisboa, como presentemente.

Conhecida a sua proverbial cobardia quando se trata de defender «corps a corps» a sua ideia, ou sejam os seus interesses, em menoscabo do Paiz; é preciso que ella esteja realmente preparada para se defrontar com o espirito liberal da Nação, ao qual já não ha forças humanas que lhe subjuguem a marcha que leva para horisontes novos.

No entanto preoccupam-nos verdadeiramente, embora nos não intimidem, todos os passos que a reacção dê para preparar o seu salto de tigre de encontro áquelles que presentemente representam o futuro da Nação Portugueza.

E preoccupam porque sabemos que a reacção, uma vez precipitada pelo instincto da conservação n'uma guerra de odios sanguinarios, não recuará ante nenhum expediente para jogar a sua ultima cartada, que dado o caso infeliz de ser victoriosa, seria a ruina immediata de Portugal, e o regresso sem sophismas aos tempos ominosos do despotismo feroz.

Mas não pensemos sequer vêr triumphante essa casta maldita, que meio mundo odeia sem reservas, porque só essa supposição nos repugna.

Tratemos no entanto de nos armar com unhas e dentes para no momento preciso em que nos ataquem—porque a outros se não visa senão aos liberaes—defendendo-nos d'essas aves negras, ir-mos ao mesmo tempo de encontro ás gangrenosas instituições que embora encapotadamente, são a alma damnada d'esse movimento rancoroso.

Sim! que a ninguem reste duvida; a monarchia é solidaria com essa canalha negra, ainda que mais não seja, por espirito de vingança, convencida como o está, que foi o Paiz quem puxou o gatilho da carabina regicida.

D'esta forma o que se projecta, é tanto mais horroroso,quanto a sua execução é planeada a frio com a certeza d'uma impunidade cobarde, senão applauso, por parte do governo.

Ora n'esta parte, visto o abandono a que os dirigentes da Nação votam a nossa tranquillidade de cidadãos, assiste-nos, já não digo o direito, mas sim o dever de nos armarmos para defender o nosso abençoado torrão da cubiça insaciavel d'essa canalha jesuitica.

E, como já disse e repito, devemos ver n'esse esforço tigrino da reacção, uma consequencia fatal da nossa tolerancia criminosa para com esse regimen que se chama—Monarchia!

Elles sabem que nós quando governo não levantaremos forcas, nem resuscitaremos inquisições para os exterminar, mas sim ao contrario do que elles para nós desejam, nos limitaremos a formar na estação do Rocio, ou nos embarcadouros do Tejo, comboios e vapores, que por nossa conta os levem para onde elles queiram ir, logo que não fiquem pizando sólo portuguez.

E' isto que lhes doe, é isto que lhes dá, e dará sempre forças para, embora sacrificando-se inutilmente, virem para a rua fazer uma S. Barthelemy com o auxilio de incautos, para que a sua retirada se venda por uma carnificina que virá enlutar gente honesta, deixando atraz de si o desasocego, e a discordia.

Mas venham, venham para a rua, porque pouparão á futura republica o trabalho de os expulsar, pois será o Povo que collectivamente se encarregará de, a pontapés os pôr (como disse Junqueiro) «na fronteira do globo em 24 horas».

IGNOTUS.

Ministro da Marinha

Deve entrar hoje ou ámanhã a nossa barra o rebocador «Berrio», que traz a bordo o titular da pasta da marinha, sr. Augusto de Castilho.

S. ex.ª vem expressamente a esta cidade, segundo se diz, inquerir das condições em que se exerce a pesca nas costas do litoral e estudar o meio de beneficiar tão importante fonte de riqueza, pelo que é digno de louvor, se alguma cois. chegar a fazer.

Uma commissão composta dos srs. Albino Pinto de Miranda, Francisco Augusto da Fonseca Regalla, Conde d'Agueda, Francisco Pinto d'Almeida, Gustavo Ferreira Pinto Basto, Jayme de Magalhães Lima, Jayme Duarte Silva, Joaquim Simões Peixinho e Julio Cezar Ribeiro d'Almeida, prepara-lhe a recepção, tencionando offerecer-lhe tambem um jantar d'honra em nome da cidade.

O SOUZA E MELLO

Mais um desta geração das escolas, meu conhecido e amigo, que a morte leva na quadra da mocidade—o Souza e Mello.

Triste missão me estava rezervada neste jornal: dentro de quatro mezes a dois amigos aqui digo o ultimo adeus.

No outro dia um ingenuo, cheio de sonhos, o Alvaro; agora outro ingenuo cheio de phantasias—o Souza e Mello. Ambos bons e ambos uns sonhadores.

O Alvaro sonhando a toda a hora com a felicidade do seu amor; o Souza sonhando a todo o instante com a popularidade e com a bohemia. Um queimando-se na paixão por uma mulher, o outro queimando-se na paixão desenfreada e soffrega da esturdia.

*

Era o Souza e Mello um destes rapazes a quem a popularidade fascinava loucamente. Aclamações e renome, barulho e escandalo, figura e importancia ao seu redor, eram sua preocupação constante.

«Almocei no hotel de *L'Europe* com o Albano de Mello, jantei com o Bernardino Machado. Fui fallar ao ministro sobre assumptos de instrucção. Estive com o Antonio José de Almeida combinando serviços de propaganda. Fui fallar ao comicio. Fiz uma conferencia num centro socialista. Fui inaugurar um comité revolucionario. Hoje parto para o norte. Amanhã volto a Lisboa no rapido etc., etc.», dizia elle a toda a gente com quem fallava, acrescentando logo as ultimas partidas que fizera em Coimbra, as luctas com os «selvagens» da sua terra, o artigo contra a reacção, o discurso sobre Progresso, sobre emancipação dos proletarios, etc., etc.

Tinha a monomania de combater os preconceitos da sociedade bestialisada, de fazer propaganda, de preparar revoluções. Tudo isto fazia em sua imaginação. Tudo isto se lhe revolvia naquella cabeça inquieta sem o deixar ter um momento de descanço. Tudo isto elle sonhava e tudo lhe parecia realisar-se com uma facilidade magica. Nada o estorvava, nada lhe causava embaraço.

A pé, de carro, de bicyclete, de automovel, de tramway ou de expresso, o Souza e Mello andava sempre, apparecia em toda a parte, fallava a todos, entrava e saía, sentava-se a todas as mezas, tudo organisava, tudo resolvia de prompto. Cosia a batina es-

farrapada com grossas linhas brancas, remendava a capa com panno crú tingido a tinta de escrever para dar na vista.

Comia lautos jantares quando recebia a mezada e no dia seguinte ferrava o cão ao hospedeiro ou pedia um pataco emprestado ao primeiro conhecido que encontrasse.

Todas as vezes que apparecia aqui, no tempo de aulas, ía ao Lyceu tirar uma subscripção entre os rapazes ou fazer leilão da ultima gravata, para voltar a Coimbra.

Não era um original nas suas estroinices, mas tinha graça e fazia-nos rir.

Por vezes o encontrei de alpergatas no meio da cidade.

—Que fizeste ás botas, ó Souza?

—Estam no prégo por sete vintens.

Um dia passeava, á noute, na Arcada embrulhado em um grosso cobertôr de lã.

—Que é isso, ó Souza e Mello? perguntei-lhe eu.

—E' a lucta com os preconceitos da sociedade. E' a revolução contra a moda e contra as formulas atrazadas e é um cobertôr que eu levo para Coimbra, respondeu-me.

Quando foi da grève academica, em que elle apezar da sua bohemia leviana soube sustentar-se altivo e digno, participou-me que saía de Coimbra, de automovel, em missão de propaganda da questão academica.

Ri-me quando li a carta.

Nos dias seguintes muito mais graça lhe achei ao receber uns postais seus, annunciando-me a passagem no Bom Jesus do Monte, em Braga, a entrada triumphal em Vizeu, Guarda e Castello Branco e logo a seguir a sua passagem a terras de Hespanha.

E corria sempre, pensando só em revolucionar, em erguer o pôvo em massa, em fazer a sua sonhada propaganda, sem vêr a realidade triste dos homens e das coisas, a inutilidade dos seus esforços, sem reflectir, mas sempre sem parança.

*

Era dotado de uma actividade assombrosa. Muito intilligente, assimilando as leituras com grande facilidade, chegou a escrever artigos deveras aproveitaveis, com forma elegante e com ideias, mas sempre impregnados desse espirito revolucionario *sui generis* que se batia contra tudo a que elle chamava «os preconceitos sociaes».

Por fim, é convicção minha, descuidou o estudo, mettendo-se numa estroinice de todo desorientada que o perdeu. Caíu numa banalidade atroz e o pouco que ultimamente escrevia resentia-se da sua falta de attenção, da sua falta de estudo e de prudencia.

Podia vir a ser um homem de valôr se não se desorientasse e se a morte o não surprehêndesse assim.

No meio das suas esturdias era duma bondade admiravel.

Possuia um coração compassivo. Muitas vezes o vi dar a pobres dinheiro que pouco antes pedira com o maior dos empenhos—e este epitaphio sobre uma sepultura é uma honra veneravel e santa.

Pobre Souza e Mello: tens em meu coração a saudade que eu tenho sempre pelos amigos, a compaixão que tenho sempre pelos ingenuos, levianos e sonhadores, como eu talvez, como tu!

ALBERTO SOUTO.

Foi auctorisada superiormente a camara municipal de este concelho a tornar effectiva a responsabilidade do fornecimento á escola primaria da Povoa do Paço, bem como habitação á respectiva professora.

QUERELLA

Está, de facto, querellado pelo director da Escola Districtal d'Aveiro, Padre José Marques de Castilho, o nosso collega local *Compeão das Provincias*, pelas referencias que lhe são feitas no n.º 12 d'agosto findo, na secção *Politica local e districtal*.

Juntamente com o *Campeão* foi tambem chamado aos tribunaes, pelo mesmo padre, o nosso director snr. Arnaldo Ribeiro, que n'aquelle jornal vem sustentando uma formidavel campanha de moralidade, em que as pustulas do sacerdote são postas a descoberto com o maior desassombro e independencia de caracter..

Serão advogados da causa, por parte do «Campeão» o sr. dr. Barbosa de Magalhães, filho, e por parte do sr. Arnaldo Ribeiro o nosso presado collega de redacção, snr. dr. André Reis.

Fogo de dynamite

Depois da extincta uzança dos morteiros veio a dynamite. Esta, embora attenuada a sua força explosiva, não offerece menos perigos nem o estampido da sua deflagração é menos incommodo dentro ou muito proximo das cidades.

Na ultima festa da Senhora d'Ajuda, proximo ao Jardim, queimou-se á farta o fogo de dynamite, que parecia rebentar mesmo sobre as habitações visinhas do arraial, com serio incommodo de muitos habitantes.

E' sem duvida attendivel a queixa de muitos d'esses moradores, que nos pedem para invocarmos a interferencia do snr. governador civil, prohibindo o uso d'esse fogo dentro ou proximo da cidade, pelos motivos já expostos. A s. ex.ª, pois, levâmos o pedido, que reputâmos de justo deferimento.

Praia do Pharol

Deve realisar-se ámanhã n'esta agradavel estancia balnear, muito concorrida este anno de banhistas, um concerto pela banda regimental de infanteria 24, a qual executará, das 3 1/2 horas da tarde em diante, sob a habil regencia do snr. Antonio Alves, as seguintes peças do seu excellente reportorio:

Teclado (ordinario)—Braz; *Thesouro mio* (suite de valses)—Beccuci; *Sanson et Dalila* (selecção da opera)—Saint Saens; *La Verbena de la Paloma* (zarzuella)—Gimenez; *Cavallaria Rusticana* (selecção da opera)—Mascagni; *Padrino del néné* (zarzuella)—Ervazo; *Pagliaci* (selecção da opera)—Leoncavallo; *Aguas, assucarillos e aguardientes* (zarzuella) —Chueca; *Tosca* (selecção da opera)—Puccini; *Idealista* (ordinario)—Gomes.

A empreza dos automoveis estabelece carreiras extraordinarias entre esta cidade, Costa Nova e Pharol tanto no principio como no fim do concerto.

NOTAS DA CARTEIRA

Esteve esta semana em Aveiro, acompanhado de sua esposa e filha, o nosso intemerato correligionario snr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva, director do *Progresso* de Lourenço Marques.

O snr. Clemente Nunes que veio ao reino para tratamento da sua saude, encontra-se já bastante melhor, o que sinceramente estimamos.

—— Foi a Vianna do Castello antes de regressar á capital o sr. dr. Balthazar Osorio, lente da Escola Polytechnica.

—— Partiu já, definitivamente, para Miozella, a tomar conta do partido medico com séde n'aquella localidade da Beira Baixa, o nosso particular amigo snr. dr. Carlos Alberto Ribeiro.

Continuamos a desejar-lhe as maiores venturas.

—— Esteve n'esta cidade o snr. João Lourenço da Silva, entendido enfermeiro do hospital civil de Oliveira d'Azemeis.

—— Tambem aqui vimos esta semana o snr. Augusto Reis, digno empregado das Obras Publicas na repartição de Coimbra.

—— Regressou de Luso sensivelmente melhor dos seus padecimentos, o sr. Evangelista de Moraes Sarmento, escrivão-notario na comarca de Vagos. Cumprimentamol-o.

—— Está n'esta cidade o sr. Silverio Rocha, tenente da armada.

Monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar

Está em 1:599$800 réis a subscripção nacional para a estatua que se projecta erigir em Coimbra á memoria do grande estadista, que foi, no seu tempo, um dos maiores inimigos da reacção.

Festas e arraiaes

A romagem da Senhora das Dôres, em Verdemilho, teve este anno extraordinaria concorrencia e animação, devendo-se isso sem duvida ao lado profano dos festejos, que duraram até á noite da ultima segunda-feira.

A rua que conduz á ermida e o vasto atrio d'esta achavam-se adornados com festões e galhardetes. O atrio, porem, ostentando uma brilhante illuminação, dava ao local um aspecto feerico. A isto addicione-se o ajuntamento asphixiante de milhares de individuos movendo-se em todas as direcções, gesticulando, berrando, os descantes e as danças disseminados por todo o arraial, o fogo vistoso de Vianna, e a phylarmonica d'Ilhavo alternando-se com o *Zé Preira*, ou chocando os seus acórdes com as fifias dos pifanos, as melodias e os trinados dos harmoniums e das guitarras, e daremos assim aos nossos leitores uma vaga ideia do caracter que este anno tiveram as festas da Senhora das Dôres.

Como parte integrante de esta ordem de festas, não faltaram estupendas bebedeiras e modestas bebedices, que, aliás, diga-se em abono da seriedade dos romeiros e dos devotos, não deram azo á intervenção da justiça, decorrendo todos os actos da festa na mais socegada desordem.

+

Na proxima freguezia da Oliveirinha, tambem se festejou este anno com summo brilho a imagem de Nossa Senhora dos Remedios, havendo no sabbado, á noite, attrahentes demonstrações de regosijo—musica, illuminação, fogo e aerostatos, com enorme affluencia de espectadores.

O *combate* musical foi entre as bandas de Angeja e a velha de S. João de Loure, que tocou tambem á solemnidade dentro da egreja.

Diz-nos um nosso prezado amigo da Oliveirinha, que esta ultima phylarmonica se desempenhou galhardamente da sua incumbencia, com geral agrado do publico.

No domingo, depois da missa solemne a grande instrumental, saíu a procissão. De tarde, em seguida ás ceremonias do culto interno, o arraial animou-se de novo, acalorando-se as discussões que duraram até altas horas da noite, indo receber o *beneplacito* ás tascas da localidade.

Na segunda-feira, as enterites atacaram alguns devotos menos prudentes. As discussões íam tomando um mau caracter.

Mas tudo acabou á boa paz.

+

Um grupo de habitantes do lugar de Santhiago salientou-se este anno, festejando ruidosamente a Senhora d'Ajuda, que se venera n'uma humilde capellinha, proximo ao Jardim, chamando ao local, tanto no domingo como na segunda-feira, numerosa concorrencia, sendo o termo da romagem no coração do mesmo lugar, para onde os festeiros transferiram os restos da funçanata, constando das diversões picarescas mais uzadas nas solemnidades sertanejas.

PRECIPICIO

As pontes da Gafanha e das Portas d'Agua são uma perigosa e constante ameaça á segurança do publico, emquanto não forem urgentemente reparadas. E o perigo é tanto mais eminente agora que o transito é por ellas feito com mais insistencia e sobretudo em pesados vehiculos, fazendo oscillar e gemer as duas pontes, de uma maneira que não escapa aos menos prevenidos.

E' necessario remediar, antes que a derrocada se faça sentir por um grave sinistro, se não estão á espera que isso succeda para providenciar depois.

Chamamos a attenção do sr. Director das Obras Publicas para as nossas referencias, esperando que s. ex.ª as attenda, ordenando immediatas reparações nas referidas pontes.

Agradecimento

A Direcção da Associação de Classe de Bateleiros Mercantis e Pescadores da Ria d'Aveiro e com ella todos os socios da mesma Associação, vêm por este meio muito reconhecidos agradecer a todos aquelles que, por qualquer fórma concorreram para o bom resultado da garraiada que teve logar em 9 de agosto p. p., e em especial aos distinctos clinicos d'esta cidade, os ex.mos srs. drs. Lourenço Peixinho, Pereira da Cruz, Pessa e Marques da Costa, que com tão boa vontade se prestaram a soccorrer os socios d'esta agremiação que na mesma garraiada ficaram feridos, e assim como ao ex.mo sr. Arnaldo Ribeiro que gratuitamente forneceu os medicamentos, prestando tambem os seus serviços.

Igualmente especialisa o ex.mo snr. Manoel Fernandes Lopes, proprietario da acreditada ourivesaria Antonio da Costa, sucessor, da rua dos Mercadores, d'esta cidade, que fez a valiosa offerta d'um magnifico relogio de salla e que foi rifado no dia da corrida.

A todos, pois, testemunha o seu eterno reconhecimento.

Aveiro, 9 de setembro de 1908.

"INTRANSIGENTE„

Recebemos a visita d'este novo confrade de Portalegre, ao qual desejamos longa vida e muitas prosperidades.

COMMUNICADO

Snr. Redactor.—Tendo lido em varios jornaes d'esta cidade que o fogo, imitação do de Vianna do Castello, queimado na vespera da Senhora das Febres, no bairro piscatorio, fôra confeccionado pelo pyrotechnico snr. José Maria dos Santos Freire, pae d'um bem conhecido cavalheiro... que ainda reside n'esta cidade, venho declarar ao publico em geral que tal informação é falsa. E para esta declaração fazer tenho dados mais que sufficientes para o provar.

Este snr. pyrotechnico que nunca passou de fabricar fogo ordinario (escola de José Manhanhas), como podia agora metter-se a confeccionar fogo, imitação do de Vianna, que para elle é latim?

Como o snr. Redactor bem deve comprehender:—que para se chegar ao aperfeiçoamento d'uma industria qualquer, é preciso alliar á pratica a theoria.

Ora este senhor, prática pouca ou nenhuma tem; theoria, isso então nem se falla. Porque a theoria adquire-se estudando e lendo e este senhor não só não estuda, porque já não está em idade para isso, como nem tão pouco lê, porque infelizmente não sabe.

A' vista do que acabo de expôr, haverá alguem que ainda creia que o fogo queimado na Senhora das Febres fosse confeccionado pelo pyrotechnico snr. José dos Santos Freire? Estou bem por certo que não.

O fogo que se queimou na dita festa foi encommendado pelo conhecido filho d'este pyrotechnico a um seu collega de Estarreja, o que posso provar declarando o seu nome e a hora da sua chegada a Aveiro.

Como toda a gente sabe, quem primeiro preparou n'esta cidade o fogo á moda de Vianna fui eu, e desafio o snr. José Maria, pae do dito cavalheiro já citado, a confeccional-o ainda mesmo com o concurso do *Menino Bento* com todas as suas drogas e habilidades, para o que depositarei dinheiro, se tanto fôr necessario.

Póde o snr. José Maria ser um bom artista em foguetes de 6 ou 9 respostas, mas sobre fogo á moda de Vianna, não passa do antigo Cadão na arte de carpintaria, porque nem sequer uma das mais simples drogas com que esse fogo se confecciona conhece, o que se prova com factos e não com encommendas de elogios ás redacções.

Para esclarecimento do publico sobre a proveniencia do fogo queimado na vespera da Senhora das Febres, parece-me isto sufficiente; no entanto se, por ventura, alguem duvidar ainda, estou prompto a mais esclarecimentos.

Aveiro, 11 de Setembro de 1908.

José Parracho.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

Lixas em papel e em panno. Recommendam-se as da unica Fabrica Portugueza a Vapor de Aveiro, de BRITO & C.ª.

Muito superiores ás estrangeiras e **mais baratas.**

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

ANTONIO DA CUNHA COELHO

10—RUA DO CAES—12

AVEIRO

Loja de chá, café, bolachas e mais generos de mercearia. Vinhos do Porto, de superior qualidade. Champagnes, licôres e cognacs. Azeite, sabão e vellas de stearina.

Perfumarias, papelaria e objectos para escriptorio. Tabacos, louças da India e Japão. Artigos proprios para brindes.

VIRGILIO RATOLLA

MAMODEIRO

Tem no seu estabelecimento um sortido completo de factos para homem, chales, amazonas, merinos, guarda-chuvas, tabacos e vinhos finos, etc.

Mercearia, ferragens, rulões, sulfato, enchofres e adubos chimicos, etc.

Vendas por junto e a retalho.

MATERIAL

para toda a especie de montagens electricas. Todas as informações.

Encontram-se na Tabacaria Veneziana de

BERNARDO TORRES
AVEIRO

AGUAS DA CURÍA

Vendem-se no estabelecimento de

BERNARDO TORRES
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

BICO AUER

Installações gratuitas com **conservação** do material por assignatura por mez ao preço de **150 réis.**

A **installação** dos bicos é feita com manga de seda **Auer-Plaissety,** chaminés intensivas, reflectores ou abats-jours modernos e reguladores especiaes, destinados a assegurar uma pressão regular e um consumo constante, menos 50 p. c. do que outro qualquer bico, e uma luz intensissima.

A **conservação** comprehende a limpeza do material, pelo menos uma vez por mes, e a substituição de mangas e outros accessorios, sem mais despeza.

Para mais esclarecimentos, queiram entender-se com o representante n'esta cidade BAPTISTA MOREIRA—Rua Direita.

Officina de Serralharia Mechanica

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

= DE =

RICARDO MENDES DA COSTA

Successor de DOMINGOS L. VALENTE D'ALMEIDA

Rua da Corredoura — AVEIRO

N'ESTA officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Depuradores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das agua

Tabacaria e Livraria Central

DE

BERNARDO DE SOUSA TORRES

Praça do Commercio—AVEIRO

Vende tabacos, livros commerciaes e de estudo, papel e mais objectos d'escriptorio, vinhos finos e communs (engarrafados), licôres nacionaes e estrangeiros, etc., etc.

Typ. "Minerva Central,,

de JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

Rua Tenente Rezende

AVEIRO

Especialidade em cartões de visita: de phantasia, brancos e de luto, em diversos formatos

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS EM TODOS OS GENEROS

Variada collecção de cartões de phantasia, para participações de casamento, menus, etc., etc.

Impressos para repartições publicas e particulares, pelos preços dos depositos de Lisboa, Porto e Coimbra, fazendo ainda descontos em grandes fornecimentos.

Impressão de livros, jornaes, facturas, talões, diplomas para associações, mensagens, representações, cartas commerciaes com tintas de cópia.—Picotagem e numeração de talões.

Primorosa e rapida execução de todos os trabalhos, para o que tem machinas, collecções de typos e tarjas do mais fino gosto, vindos das primeiras casas allemãs, francezas, etc., e tintas das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

A unica casa que, pela perfeição, bom gosto, nitidez e modicidade de preços dos trabalhos, não tem competidor em todo o districto d'Aveiro.